

VISÃO DO CORREIO

Prevenção não pode tirar folga no carnaval

O carnaval é uma das principais manifestações culturais do Brasil. Entre o brilho dos desfiles na Marquês de Sapucaí, no Rio de Janeiro, o calor dos trios elétricos em Salvador, na Bahia, e as multidões nos blocos de rua em Belo Horizonte, São Paulo e muitas outras capitais e cidades, a atmosfera de celebração e liberdade contagia brasileiros e turistas de diversos países. No entanto, historicamente, esse período de intensa interação social e relaxamento de inibições traz um desafio recorrente: o aumento da vulnerabilidade às infecções sexualmente transmissíveis (ISTs).

A folia faz parte da identidade nacional e deve ser incentivada, mas também é preciso promover a consciência coletiva no quesito saúde pública. O cenário epidemiológico atual exige atenção. Dados do Ministério da Saúde indicam que, embora o acesso à informação seja amplo, as taxas de novas contaminações, especialmente entre jovens de 15 a 24 anos, aparecem em patamares preocupantes. Doenças como HIV/Aids, sífilis, gonorreia e HPV não “descansam” nos feriados festivos e encontram na mistura de álcool com eventos prolongados o terreno fértil para se propagarem.

A estratégia de saúde pública no país apresentou melhorias. Hoje, as campanhas não tratam apenas do uso da camisinha — que continua sendo a barreira física mais eficaz e acessível —, e o conceito de prevenção combinada tem introduzido importantes camadas de autocuidado, com resultados significativos.

Atualmente, também é mais disseminada a possibilidade de acesso a medidas de urgência, como o tratamento antirretroviral, que evita a infecção se iniciado em até 72 horas em caso de uma relação desprotegida. Além disso, boa parte da população se conscientizou que saber o

próprio status sorológico é um ato de responsabilidade individual e social.

Outro ponto importante de avanço é a orientação sobre as formas de contágio, tema que vem quebrando preconceitos, especialmente dentro das escolas. Nesse aspecto, conteúdos direcionados para esse aprendizado são essenciais, assim como a abertura para debates com os adolescentes de uma forma que eles se sintam à vontade para tirar as dúvidas sem julgamentos. Não menos relevante é o diálogo familiar, principalmente para estabelecer uma base de confiança com os jovens. Sem contar que os responsáveis precisam cumprir o dever de levar os menores para que sejam vacinados contra HPV e hepatite B.

O estado, por sua vez, desempenha papel estratégico na prevenção e controle dessas doenças. Por isso, a atuação não pode se limitar à entrega de remédios e campanhas esporádicas. Ambas são necessárias, porém é preciso atacar o problema em várias frentes. A distribuição de preservativos e autotestes em postos médicos e circuitos de rua é essencial, mas as iniciativas devem fazer parte de uma agenda prioritária dos governos federal, com a compra de medicamentos e definição de protocolos; estadual, com a coordenação da entrega de insumos e apoio técnico; e municipal, com a execução direta das ações.

As ISTs são uma questão de saúde, não de moralidade. E quando o assunto deixa de ser um tabu, a prevenção correta chega antes do perigo. O carnaval, que é uma festa de vida, pede atenção. Celebrar com segurança significa entender que o prazer não é oposto ao cuidado e respeito. Depois da folia, quando chegar a quarta-feira de cinzas, o que deve restar são as memórias dos momentos de alegria, e não as consequências de uma negligência que poderia ter sido evitada com gestos simples.



» Sr. Redator

» Cartas ao Sr. Redator devem ter, no máximo, 10 linhas e incluir nome e endereço completo, fotocópia de identidade e telefone para contato.
» E-mail: sredat.df@dabr.com.br

Banco de Brasília

Se há uma percepção geral compartilhada em todo o mundo é a de que os interesses dos bancos são contrários aos da sociedade, ao bem comum. Eles são, por isso, atores impopulares. No Brasil, onde são cometidos inúmeros excessos pelo sistema bancário, onde os juros são exorbitantes e os spreads muito elevados, não seria diferente. Essa percepção no Brasil se reflete em uma forte resistência a abordagens mais analíticas nas discussões que envolvem bancos, sobretudo quando as discussões tocam a sua relação com o Estado e o dinheiro público. Por consequência, essa percepção torna parte do público fácil de ser capturada por discursos demagógicos, bem como, com ofertas de rendimentos, por meio de altas taxas fora do mercado. Onde estava o Banco Central que não monitorou a liquidez do Banco Master? Infelizmente, o episódio Banco Master e BRB sangrou o caixa do banco do GDF. O Legislativo local foi concordatário com a engrenagem da compra. Os senhores deputados distritais debruçaram-se com afinco ao analisarem a compra? É fundamental e se faz necessário desvendar como foi montada essa engrenagem espúria e falaciosa e seus participantes.

» Renato Mendes Prestes
Águas Claras

Feriadão

Todo mundo sabe, mas sempre é bom lembrar. Em tempo de feriado prolongado, com muita gente viajando, os cuidados com as casas e apartamentos devem ser redobrados. Nada de deixar correspondências no chão, no lado de fora, luz ligada a noite inteira e portas e janelas mal fechadas. Neste período, os ladrões estão sempre de plantão.

» José R. Pinheiro Filho
Asa Norte

Energia e governança

Energia e governança fluem da natureza. Natureza de nossos recursos naturais. Ela é pródiga em energias heólica, solar e de nossas hidroelétricas. Em outro sentido, dá-se a energia humana, no mental e no emocional. Nessa, surge a energia, que pode ser plena de positivismo, ou de negativismo. Na primeira, quando se pensa no melhor, quando se pensa no porvir e no sucesso de uma nação. A segunda, dá-se quando há pessimismo em nossas atitudes. Governança positiva, de elevado astral é desejo de nosso povo, tão carente. Visão de mundo, que encara com altruísmo e empreendedorismo. É o Brasil que todos querem, sem belicismo, que almeja paz e um ambiente de democracia. Grande nas relações com o mundo. É o Brasil de hoje e, quiça, do futuro. A energia e a governança desse país será sempre em busca da paz, que todos querem.

» Enedino Corrêa da Silva
Asa Sul

Cotas raciais

Há uma discussão estéril, sempre levantada pela extrema-direita, sobre a necessidade das cotas raciais destinadas à população negra. As cotas raciais, assim como as sociais, têm como objetivo reduzir desigualdades socioeconômicas e promover a inclusão. Curiosamente, a Lei Federal nº 5.465, de 1968, “Lei do Boi” instituída durante a ditadura militar, reservava até 50% das vagas em escolas técnicas e superiores agrícolas federais para filhos de fazendeiros, em claro favorecimento de uma população já privilegiada, revogada em 1985. As cotas sociais e raciais se complementam no sistema, representando uma oportunidade de corrigir erros históricos, sobretudo em relação à população negra, democratizando, no contexto geral, o ensino.

» Marcus Aurelio de Carvalho
Santos (SP)

Desabafos

» Pode até não mudar a situação, mas altera sua disposição

A capa do **Correio Braziliense**, deste domingo (8/2), foi de partir o coração. Temos que refletir muito sobre a morte do adolescente Rodrigo Castanheira.

Abraão F. do Nascimento — Águas Claras

Nada. Absolutamente nada justifica espancar um adolescente até a morte. Nada cicratiza a dor dos pais que perdem um filho, ou filha, para a violência. O agressor precisa ser punido e reeducado.

Eduarda Santos — Asa Sul

A morte de um adolescente por agressão mostra um Brasil infectado pelo ódio e pela prepotência dos privilegiados. Meus pêsames à família de Rodrigo Castanheira.

Alberto Pio — Águas Claras

Inteligência artificial em alta, inteligência natural em baixa. Não vai dar certo.

Rubi Rodrigues — Octogonal

Dizer que a política brasileira “apodreceu” é fácil; difícil é reconhecer que o sistema apodreceu com a contribuição de todos — governo, oposição, aliados de ocasião e adversários de conveniência.

Paccelli M. Zahler — Sudoeste



LETÍCIA MOUHAMAD
leticiamouhamad.cb@gmail.com

Amigos do caminhar

Quem enfrentou os longos anos de graduação na Universidade de Brasília (UnB) certamente ouviu a lenda dos estudantes que não conseguem se formar e viram gatos, figuras sempre notórias em algum corredor do Minhocão. Com moradias fixas nos departamentos, os felinos fazem companhia a alunos e funcionários, que os alimentam com ração e afeto. Nessa relação entre humanos e animais, todo mundo sai ganhando.

Eu ainda me lembro das histórias contadas por minha irmã sobre a gata rajada conhecida como Paula Freire. Frequentadora da Faculdade de Educação, ela participava das aulas quase como quem oferece apoio moral. Preguiçosa, restringia-se a dormir nas cadeiras, é verdade, mas sua presença oferecia uma leveza que só os bichos conseguem despertar.

Os animais comunitários, como Paula Freire e tantos outros, são aqueles que, apesar de não terem um tutor fixo, criam laços de afeto e dependência com moradores ou frequentadores daquele espaço. Essas pessoas, às vezes em condições bastante simples, tentam cuidar dos bichos oferecendo alimentos, casinhas improvisadas e carinho. Quantos cachorrinhos de porta de bar — normalmente com nomes sugestivos como Tequila ou os clássicos Caramelo e Negão — você já não encontrou por aí?

Fato é que, mesmo não oferecendo qualquer risco e estando ali, justamente por não ter outro lugar para se abrigar, muitos desses animais são hostilizados, principalmente os felinos. São literalmente chutados e, em casos mais graves, até assassinados. Sim, assassinados. Dizer que são mortos parece desproporcional demais diante de tamanha crueldade.

Não vou, neste momento, recordar as barbaridades noticiadas nas últimas semanas, inclusive no DF. Dói demais. Em especial, para aqueles que, como eu, criaram laços de carinho tão estreitos com os bichos. Restrinjo-me, no entanto, a reforçar a existência de leis que (buscam) garantir a proteção de animais comunitários. Impedir sua alimentação e cuidados é crime.

Aos que, por não terem condições de abrigar em suas casas, também tentam dar o mínimo de acolento a esses bichos carentes de tudo, fica o meu respeito e apoio. Afinal, cada um pode fazer a sua parte da maneira como for possível. Hoje, existem grupos espalhados pela cidade que se engajam e se revezam para ajudar os animais nessa situação. Cito alguns: projeto Buchinho Cheio, Tampets, Doguitos do Mato e ReciclaPets. Todos aceitam diferentes formas de contribuição. Individualmente, toda boa vontade é válida e bem-vinda.

CORREIO BRAZILIENSE

“Na quarta parte nova os campos ara
E se mais mundo houvera, lá chegara”
Camões, e, VII e 14

GUILHERME AUGUSTO MACHADO
Presidente

Leonardo Guilherme Lourenço Moisés
Vice-Presidente executivo

Ana Dubeux
Diretora de Redação

VENDA AVULSA			ASSINATURAS*
Localidade	SEG/SÁB	DOM	SEG a DOM
			R\$ 1.187,88
DF/GO	R\$ 5,00	R\$ 7,00	360 EDIÇÕES (promocional)
Assine			
(61) 3342.1000 - Opção 01 ou (61) 99966.6772 Whatsapp			
*Preços válidos para o Distrito Federal e entorno. Consulte a Central de Relacionamento (3342-1000) ou (61) 99158.8045 Whatsapp, para mais informações sobre preços e entregas em outras localidades, assim como outras modalidades e formas de pagamento. Assinaturas com forma de pagamento em empenho terão valores diferenciados. Aquisição de assinaturas para atendimento de demanda de licitação é sob consulta. Preços válidos para até 10 (dez) assinaturas por CPF ou CNPJ.			
Anuncie			
Publicidade: (61) 3214.1339 ou (61) 99555.2585 Whatsapp			
Publicidade legal: (61) 3214.1245 ou (61) 98169.9999 Whatsapp			
Classificados: (61) 3342.1000 ou (61) 98169.9999 Whatsapp			

S.A. CORREIO BRAZILIENSE – Administração, Redação e Oficinas Edifício Edilson Varela, Setor de Indústrias Gráficas - Quadra 2, nº 340 - CEP 70610-901. Rede Interna: 3214.1078 - Redação: (61) 3214.1100; Comercial: (61) 3214.1339 ou (61) 99555.2585 Whatsapp.



Endereço na Internet: <http://www.correioweb.com.br>
Os serviços noticiosos e fotográficos são fornecidos pela AFP, Agência Estado e D.A Press. Tel: (61) 3214-1131

DIÁRIOS ASSOCIADOS D4

D.A Press Multimídia
Atendimento pessoalmente para pesquisa em jornais e cópias:
SIG Quadra 2, nº 340, bloco 1, Subsolo - CEP: 70610-901 - Brasília - DF;
de segunda a sexta, das 9h às 18h.

Atendimento para venda de conteúdo:
Por e-mail, telefone ou pessoalmente: de segunda a sexta, das 9h às 22h/
sábados, das 14h às 21h/ domingos e feriados, das 15h às 22h.
Telefones: (61) 3214.1575 / 1582 / 1568.
E-mail: dapress@dabr.com.br Site: www.dapress.com.br